



CÍRCULO INICIÁTICO DE HERMES

A “SHEKINAH” E “METRATON”

por René Guénon em “O Rei do Mundo”, Editorial Minerva, Portugal

tradução: Edmundo Motrena

adaptação para o português do Brasil: Fr. Goya

Alguns espíritos tímidos e cuja compreensão se encontra estranhamente limitada por idéias preconcebidas, assustaram-se com a designação de “Rei do Mundo”, que aproximaram da de “Princeps Hujus Mundi”, de que se trata no Evangelho. É sabido que tal assimilação é completamente errônea e desprovida de fundamento. Para afastá-la, poderíamos limitar-nos a notar simplesmente que este título de “Rei do Mundo”, em hebreu e em árabe, é aplicado vulgarmente ao próprio Deus¹. No entanto, como pode haver aqui algumas observações interessantes, consideremos a este propósito as teorias da Qabalah hebraica relativas aos “intermediários celestes”, teorias que, por outro lado, tem uma relação direta com o tema principal do presente estudo.

Os “intermediários celestes”, de que se trata aqui, são a “Shekinah” e “Metraton”. E diremos em primeiro lugar que, no sentido mais geral, a “Shekinah” é a “presença real” da Divindade. Deve notar-se que as passagens da Escritura onde se faz muito especialmente menção disso, são sobretudo aquelas em que se trata da instituição de um centro espiritual: a construção do Tabernáculo, a edificação dos Templos de Salomão e de Zorobabel². Tal centro, constituído em condições regularmente definidas, devia ser efetivamente o lugar da manifestação divina, sempre representada como “Luz”; e é curioso observar que a expressão “lugar mais iluminado e mais regular” que a Maçonaria tem conservado, parece ser uma recordação da antiga ciência sacerdotal, que presidia à construção dos templos e que, de resto, não era particular dos Judeus. Não temos de entrar no desenvolvimento da teoria das “influências espirituais” (preferimos esta expressão à palavra “bençãos” para traduzir o hebreu *berakoth*, tanto mais que é este o sentido que tem conservado, bem claramente, em árabe a palavra *barakah*). Mas mesmo cingindo-se a encarar as coisas, debaixo desse único ponto de vista, seria possível explicar a frase de Elias Levita, a que se refere Mr. Vulliaud, na sua obra “A Qabalah Judaica”: - “Os mestres da Qabalah tem grandes segredos acerca desse assunto”.

A Shekinah apresenta-se sob múltiplos aspectos, dos quais dois são principais, m interno e outro externo; mas, por outro lado, existe na tradição cristã uma frase que designa tão claramente quanto possível estes dois aspectos: “Gloria in excelsius Deo” e “in terra Pax hominis bonae voluntatis”. As palavras *Gloria* e *Pax* referem-se respectivamente ao aspecto interno, em relação ao Princípio, e ao aspecto externo, em relação ao mundo manifestado; e se considerarmos assim essas palavras, pode compreender-se imediatamente por que são proferidas pelos Anjos (*Malakin*) para comunicar o nascimento de “Deus conosco” ou “em nós” (Emanuel). Pelo primeiro aspecto, poder-se-iam também recordar as teorias dos teólogos sobre a “luz de glória”, na qual e pela qual se opera a visão beatífica (*in excelsis*); e, quanto ao segundo, reencontramos aqui a “Pax”, à qual nos referimos há pouco e que, no seu sentido esotérico, é indicada em toda a parte como um dos atributos fundamentais dos centros espirituais estabelecidos no mundo (*in terra*). Por outro lado, o termo árabe *Sakinah*, que é idêntico evidentemente ao hebreu *Shekinah*, traduz-se por “Grande Paz”, que é o exato equivalente da *Paz Profunda*, dos Rosacruzes. E por isso, poder-se-ia, sem dúvida, explicar o que aqueles entendem pelo “Templo do Espírito Santo”, como também poderia

¹ Além disso, há uma grande diferença de sentido entre “o mundo” e “este mundo”, a tal ponto que, em certas línguas, existem para os designar dois termos inteiramente distintos: assim, em árabe, “o mundo” é *el-âlam*, enquanto que “este mundo” é *ed-dunyâ*.

² Salomão, rei de Israel (973/930 a.C.). Construiu o templo de Jerusalém e foi o autor de três livros do Antigo Testamento. Zorobabel, príncipe de Judá, da casa de David, que restabeleceu os Judeus no seu país, depois do édito de Ciro (séc. V a.C.). (N.T.)



CÍRCULO INICIÁTICO DE HERMES

interpretar-se de uma maneira precisa, os inúmeros textos evangélicos, nos quais se fala da “Paz”³, tanto mais que a “tradição secreta relativa à *Shekinah* teria alguma relação com a luz do “Messias”. É sem intenção que Vulliaud, quando dá esta última indicação, diz que se trata da tradição “reservada àqueles que perseguem o caminho que vai dar no Pardes”, isto é – como veremos mais adiante – ao centro espiritual supremo? Isso sugere ainda outra observação análoga. Vulliaud fala, em seguida, de um “mistério relativo ao Jubileu”, o que se liga num sentido, à idéia de Paz, e, a propósito, cita este texto do *Zohar* (III, 52b):- “O rio que sai do Éden tem o nome de Iobel”, assim como o de Jeremias (XVII, 8) – “Ele estenderá as suas raízes na direção do rio”, donde resulta que a “idéia central do Jubileu é a repetição de todas as coisas no seu estado primitivo”. É bem claro que se trata do regresso ao “estado primordial”, que todas as tradições consideram, e no qual tivemos ocasião de insistir no nosso estudo “O Esoterismo de Dante”. E quando acrescentamos que o “regresso de todas as coisas ao seu primeiro estado poderão recordar o que nós dissemos acerca do “Paraíso Terrestre” e da “Jerusalém Celeste”.

Por outro lado, para dizer a verdade, é sempre nas diversas fases da manifestação cíclica, o *Pardes*, o centro desse mundo, que o simbolismo tradicional de todos os povos compara ao coração, centro do ser humano e “residência divina” (Brahama-pura) na doutrina hindu, como no Tabernáculo é a imagem dele e que, por tal motivo, é denominado em hebreu *mishkam* ou “habitação de Deus”, palavra cuja raiz é a mesma de *Shekinah*. Debaixo de outro ponto de vista, a *Shekinah* é a síntese dos Sefiroth. Ora, na árvore sefirótica, a “coluna da direita” é o lado da Misericórdia, e a “coluna da esquerda” é o lado da Severidade⁴. Temos também de reencontrar esses dois aspectos na *Shekinah* e podemos notar logo, para ligar isto ao que precede, que, pelo menos, em certa medida, a Austeridade se identifica com a Justiça e a Misericórdia com a Paz⁵. “Se o homem peca e se afasta da *Shekinah*, cai sob o domínio dos poderes (Sârim) que dependem da Severidade”, o que lembra o símbolo muito conhecido da “Mão da Justiça”. Mas se, pelo contrário, “o homem se aproxima da *Shekinah*, liberta-se” e a *Shekinah* é a “Mão direita de Deus”, o que quer dizer que a “Mão da Justiça” se torna, então, a “mão que abençoa”⁶.

São estes os mistérios da “Casa da Justiça”(Beith-Din), que é mais outra designação do centro espiritual supremo⁷. Deve notar-se que os dois lados que acabamos de considerar são aqueles em que se dividem os Eleitos e os Condenados às penas eternas, nas representações do “Dia do juízo final”. Poderia estabelecer-se igualmente uma aproximação com os dois caminhos que os pitagóricos figuravam pela letra Y e que representava, sob uma forma esotérica, o mito de Hércules

³ Por outro lado, está declarado explicitamente no próprio Evangelho que do que se trata não é, de forma alguma, da paz no sentido em que o mundo profano a entende. (S. João, XIV, 27)

⁴ Um simbolismo absolutamente comparável é expresso pela figura medieval da “árvore dos vivos e dos mortos”, que tem, além disso, uma relação bem clara com a idéia da “posteridade espiritual”. É preciso notar que a “árvore sefirótica” é também considerada como identificando-se com a “Árvore da Vida”.

⁵ Segundo o Talmude, Deus tem dois assentos, o da Justiça e o da Misericórdia. Esses dois assentos correspondem igualmente ao “Trono” e à “Cadeira” da tradição islâmica. Esta divide, por sua vez, os nomes divinos *çifâtiyah*, isto é, “aqueles que exprimem os atributos propriamente ditos de Allah, em ‘nomes de majestade’ (*jalâliyah*) e ‘nomes de beleza’ (*jamâliyah*) o que corresponde ainda a uma diferença da mesma ordem.

⁶ Segundo Santo Agostinho e outros Padres da Igreja, a mão direita representa, do mesmo modo, a Misericórdia ou a Bondade, enquanto a mão esquerda, sobretudo de Deus, é o símbolo da Justiça. A “mão abençoadora” é um sinal da autoridade sacerdotal e é tomada, por vezes, como símbolo de Cristo. Esta figura da “Mãe abençoadora” encontra-se em certas moedas gaulesas, do mesmo modo que por vezes a “swastica” de braços curvos.

⁷ Este centro, ou um qualquer daqueles que são constituídos à sua imagem, pode ser descrito simbolicamente, ao mesmo tempo, como um templo (aspecto sacerdotal, correspondente à Paz) e como um palácio ou um tribunal (aspecto real, correspondente à Justiça).



CÍRCULO INICIÁTICO DE HERMES

entre a Virtude e o Vício; com as duas portas, celeste e infernal, que nos Latinos estavam associadas ao símbolo de Janus; com as duas fases cíclicas ascendentes e descendentes⁸ que, entre os Hindus, se ligam do mesmo modo ao simbolismo de *Ganêsha*⁹.

Finalmente, é fácil compreender por isso o que querem dizer, na verdade, expressões como as de “intenção reta”, que encontraremos mais adiante, e de “boa vontade” (*Pax hominibus bonae voluntatis*, e aqueles que tem alguns conhecimentos dos diversos símbolos a que acabamos de fazer referência, poderão ver que é com razão que a Festa do Natal coincide com o solstício do Inverno), quando se tem o cuidado de por de parte todas as interpretações exteriores, morais ou filosóficas, às quais deram lugar desde os estóicos até Kant.

“A Qabalah dá à Shekinah um *parédre* que apresenta nomes idênticos aos seus, que possui por consequência os mesmos caracteres”¹⁰ e que tem naturalmente tantos aspectos diferentes como a própria Shekinah. O seu nome é *Metatron*, e este nome é numericamente equivalente ao de *Shaddai*¹¹, o “Todo Poderoso” (que se diz ser o nome do Deus de Abraão).

A etimologia da palavra Metatron é muito incerta. entre as várias hipóteses que têm sido postas a esse respeito uma das mais interessantes é a que a faz derivar do caldaico mitra, que significa “chuva” e que também, pela sua raiz, certa relação com a “luz”. Sendo assim não é de crer que a semelhança com o Mitra hindu e zoroástrico constitua uma razão suficiente para admitir que há aí um empréstimo do Judaísmo a doutrinas estrangeiras, porque não é dessa maneira exterior que convém considerar as relações que existem entre as diferentes tradições; e diremos outro tanto do que respeita ao papel atribuído à chuva em quase todas as tradições, enquanto símbolo da descida das “influências espirituais” do Céu sobre a Terra.

A propósito, assinalemos que a doutrina hebraica fala de um “orvalho de luz” emanado da “Árvore das Vidas” pelo qual se deve operar a ressurreição dos mortos, bem como de uma “efusão de orvalho” que representa a influência celeste a comunicar-se a todos os mundos, o que lembra singularmente o simbolismo alquímico e rosacruz.

“O vocábulo *Metatron* comporta todas as percepções de guarda, de Senhor, de enviado, de mediador”; é o “autor das teofanias no mundo sensível”; é “o Anjo da Face” e também “o Príncipe do Mundo” (*Sâr ha-ôlam*) e, por esta última designação, vê-se que não nos afastamos nada do nosso tema. Para empregar o simbolismo tradicional que já explicamos anteriormente, diremos que, como o chefe da hierarquia iniciática, é o “Polo terrestre”, Metatron é o “Polo celeste”. e este reflete-se naquele, com o “Eixo do Mundo”.

“O seu nome é *Mikael*, o Grande Sacerdote, que é holocausto e oferta a Deus”. E tudo o que os Israelitas fazem na Terra é consumado, conforme os modelos do que se passa no mundo celeste.

O Grande Pontífice neste mundo simboliza *Mikael*, príncipe da Clemência. Em todas as passagens onde a Escritura fala da aparição de Mikael, trata-se da glória da Shekinah. O que diz aqui dos Israelitas pode ser dito igualmente de todos os povos que possuem uma tradição verdadeiramente ortodoxa; e com mais forte razão, deve dizer-se dos representantes da tradição primordial, da qual todas as outras derivam e à qual todas estão subordinadas. e isto está em relação com o simbolismo da “Terra Santa”, imagem do mundo celeste a que fizemos referência. Por outro lado, conforme dissemos mais atrás, Metatron não tem apenas o aspecto da Clemência, tem também o da Justiça. não é somente o “Grande Sacerdote” (*Koen ha-gadol*), mas igualmente o “Grande

⁸ Trata-se das duas metades do ciclo zodiacal, que se concentra frequentemente representado no portal das Igrejas da Idade Média, como uma disposição que lhe dá evidentemente o mesmo significado.

⁹ Todos os símbolos que citamos aqui exigiriam ser explicados demoradamente. Talvez façamos isso, um dia, em outro estudo.

¹⁰ *La Kabbale Juive*, t. pp. 497-498.

¹¹ O Número de cada um destes dois nomes, obtido pela soma dos valores das letras hebraicas, de que é formado, é 314.



CÍRCULO INICIÁTICO DE HERMES

Príncipe” (*Sar ha-gadol*) e o “chefe das milícias celestes”, quer dizer que está nele o princípio do poder real, bem como o do poder sacerdotal ou pontifical, a que corresponde propriamente a função de “mediador”.

Além disso, é preciso notar que *Melek*, “rei” e *Maleak* “anjo” ou “enviado” não são na realidade senão duas formas de uma mesma palavra; para mais, *Malaki*, “meu enviado”(isto é, o enviado de Deus, ou “o anjo no qual é Deus”(Maleak ha-Elohim) é o anagrama de *Mikael*¹².

Convém acrescentar que, se *Mikael* se identifica com *Metatron* como acaba de ver-se, no entanto, ele não representa senão um aspecto; ao lado da face luminosa, há uma face obscura, e esta é representada por *Samael*, que é também chamado *Sâr haôlam*. Aqui voltamos ao ponto de partida.

Com efeito, é este último aspecto e aquele unicamente que é o “gênio deste mudo”, num sentido inferior, o “*Princeps hujus mundi*”, de que fala o Evangelho”, e as suas relações com *Metatron*, do qual é como que a sombra, justificam o emprego de uma mesma designação, num sentido duplo, ao mesmo tempo que fazem compreender por que o número apocalíptico 666, o “número da Besta”, é também um número solar¹³. Apesar disso, segundo Sto. Hipólito, “o Messias e o Anticristo têm ambos por emblema o leão”, que também é um símbolo solar: e a mesma observação podia ser feita para a serpente¹⁴ e para muitos outros símbolos. Sob o ponto de vista qabalístico, é ainda das duas faces opostas do *Metatron* que se trata aqui. Não temos de alongar-nos acerca das teorias que alguém poderia formular de uma maneira geral sobre esse duplo sentido dos símbolos, mas diremos apenas que a confusão entre o aspecto luminoso e o aspecto tenebroso constitui propriamente o “satanismo”. E é precisamente essa confusão que cometem involuntariamente, sem dúvida, e por simples ignorância (o que é uma desculpa, mas nunca uma justificação), aqueles que julgam descobrir uma significação infernal na designação do “Rei do Mundo”¹⁵.

¹² Esta última observação recorda naturalmente estas palavras: - “*Benedictus qui venit in nomine Domini*”. São aplicadas ao Cristo que o *Pasteur d’Hermas* assemelha precisamente a *Mikael*, de uma maneira que pode parecer bastante estranha, mas que não deve espantar aqueles que compreendem a relação que existe entre o Messias e a *Shekinah*. O Cristo é também designado por “Príncipe da Pax” e é, ao mesmo tempo, o “Juiz dos vivos e dos mortos”.

¹³ Este número é formado especialmente pelo nome de *Sorath*, demônio do Sol e, como tal, oposto ao anjo *Mikael*. Veremos mais adiante outra significação.

¹⁴ Os dois aspectos opostos são figurados principalmente pelas duas serpentes do caduceu. Na iconografia cristã, estão reunidos na anfisbena, a serpente de duas cabeças, uma das quais representa o Cristo e a outra Satã.

¹⁵ Assinalemos também que o “Globo do Mundo”, insígnia do poder imperial ou monarquia universal, se encontra frequentemente colocado na mão de Cristo, o que demonstra por outro lado que é o emblema, tanto da autoridade espiritual como do poder temporal.